

ESTANDARTE CAPTURADO

Livro 90

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



NA VOLTA DO JUÁ

Achando-me com mais disposição ao voltar do Juá, disponho-me a não esquecer que ali fui tocado com o que cada um disse do que ali plantei, pelo tempo ali vivido. Optei por alterar a ordem dos valores no que diz respeito aos títulos. No Juá desenvolvi novos olhares, descobri novas sabedorias, o muito que eles fizeram, longe do pouco que os outros que não fizeram. Os habitantes do Juá deram-me certezas para que eu tivesse razão e completasse a minha Teoria dos Cuidados.



BRASEIRO

Jogo uma lenha depois da outra, faço a brasa que aquecerá a carne que me alimentará, tempero com os olhos e sal. Finalmente, faço um desfile dos churrascos que se alinham e povoam a minha memória.

SOU CONJUNTO

Sou um conjunto fragmentado, reunião de várias partes, mergulhado nestas obsessivas narrativas onde esboço invenções entre eu e meus personagens movidos pela preocupação de persuadir. Faço soar imensas relíquias depositadas no espaço misterioso do papel. Aproprio-me de ocasionais surgimentos que se oferecem como que escapados de algum profundo lugar. Elas me dominam, se ocupam de me fazer portavoz destes documentos sem provas que dominam o meu imaginário dele arrancando variantes infinitas.



BUSCO PROVAS

Toda vez que em sonhos não me posso mover, recebo como um aviso que me faz saltar da cama em busca de provas contrárias.

MIL NADAS

Rodeado por mil nadas acordo sobressaltado por um devaneio onde protagonizo uma mentira vital: vivia contente num mundo que me rejeitava. Como supero a impotência de não poder mudar, conformado com a insana injustiça que nivela o virtual e o real, a submissão e a revolta, a união pacífica do puro e do impuro, a violação e a aceitação? Tudo em vão.



DETRÁS DA MINHA MEMÓRIA

Detrás da minha memória se escondem muitas saudades, elas resumem, povoadas de imagens convertidas em símbolos insubstituíveis. Minha memória continua resistindo, segue em festa, distribuindo sensações, confraternizando atemporal adotando provas evidentes de que a felicidade fez ali pontos de convergência alimentando meu metabolismo, meu sangue, meu todo.

NÃO PRETENDO

A não ser que uma mudança fundamental de rumos venha a ocorrer no seguimento da minha história, não pretendo mais esgotar os assuntos, descobrir o mistério, inovar o prazer, aumentar a velocidade, decodificar as sínteses, conhecer algum ET, dominar o imponderável, prever o futuro.



A PROPÓSITO DE TUDO

A propósito de tudo e sem propósito algum, passo a reagir, senti como a maior e mais oportuna necessidade de mudar o rumo para não prosseguir no abatimento que evoca a indiferença. Um sentido de utilidade circula em mim, bem traduz um estado de ânimo destinado a contornar a tolerância ao pior, a inaugurar uma vontade gregária, social e acolhedora. Manobro a duplicidade e a hipocrisia, admito-lhes com muita reserva, reservo todo meu respeito e o melhor de mim aos meus esforços práticos, à minha dedicação no que acredito e às minhas paixões. Levo a sério ganhar a paz.

COMO QUER QUE SEJA

Como quer que seja, tal como aprendi, haveria de superar as dúvidas, a tradição e os excessos que formavam o espírito que me correspondeu. Renunciei aos altares, aos primores da inocência, o valor do intocado, a moral transplantada, o medo de errar. Não vim aqui para sofrer, vim para viver. Tive então de aprender a abandonar padrões que me ditavam os rumos e as escolhas, eles não me davam meios lícitos para passar a vida, costumavam sustentar-se por ideais fora do alcance, tinham de formar meninos-prodígios.



CHEGO COM ANIMO

Chego com ânimo de permanecer, leitor assíduo das tuas vontades aperfeiçoo-me e consagro ao inventar novas graças para teu deleite. Sem perder o ângulo prático da vida uso o silêncio como subterfúgio, precursor, cuido dos lugares não saturados da vida, antecipo as delicias por ti esperadas, imagino, revigoro a inspiração ao dedicar-me a nobre tarefa de dignificar a tua presença.

MINHA SALA, MEU BOTAFOGO

Produzo descobertas, povoo minha sala de fotos, lembranças, instalo um relógio que me avisa que o tempo passa, uma epidemia de faixas comemorativas do Botafogo de Futebol e Regatas desfila cordões umbilicais de várias gerações por elas atraídas com ânimo de permanecer.



CIFRAS

Diante das transações que se passam comercializando todos os meus dias, motivado por antipatias íntimas, não vejo respostas nos fatores econômicos que não me dizem nada, cifras que tentam decifrar os dramas da vida cotidiana, não posso dizer que isso seja de menor importância, já que se intrometem impondo decadência nos meus e nos seus propósitos. Quero acalmar esta consciência inquieta, o que pratico não está separado do resto do mundo, mas as cifras desaparecem tão logo acabam de ser nomeadas, efêmeras vem e vão sem nada provar, são de uso passageiro, validam leis selvagens, por isso as dispenso.

EM VÃO ESPERAM

Meus desejos em vão esperam, acreditam que voltarão quando deixem de ser feridas. Eles veem alongadas suas esperas, desprotegidos, sentem dores diárias cravadas no centro, não conseguem fugir, nem se esconder. Meus desejos seguem leis ao seu infinito destino, não são vícios, espreitam e exigem realização, vivem com vontade de sair propagando a vida.



NÃO ESTÃO MUDOS

Meus desejos não estão mudos, falam em cada gesto, nos sonhos, quando imagino, muito ou pouco revelo, guardo verdades, meu ponto de vista prioriza a alegria que contamina o ar, neutraliza a primeira inveja e fuzila o último mau-olhado. Da valentia me resta o ânimo para escapar da escravidão que se impõe de fora e da submissão que se impõe de dentro.

MEUS PEDAÇOS

Desgarrados os meus melhores pedaços perderam o rumo, ásperas esperas ditaram o desencontro fazendo-os avançar no vazio, perdem-se os olhos, vão-se os acenos dos braços, fogem aos gritos as vozes, salta a língua desarticulada, os dedos se unem abraçados entre si temendo a solidão. As gengivas encolhidas quase não abrigam os dentes e a pele cansada caminha em direção ao chão, o resto fica como prenda tentando demorar a despedida.



QUERO UMA TRÉGUA

Quero uma trégua que precipite a paz como novidade, que salvguarde alguma virtude útil, que desafie e atravesse as bocas acostumadas a calar, viciadas em silêncios, lugar onde acumulado se deposita o não-pensar.

ACOLHIDAS

Meu corpo reflete até o minúsculo sentir que muito mais no fundo fica, jaz cúmplice ao lado da alma. Aguarda alguma razão para dali partir, adormecido espera para voltar livre, importante, trazendo gemidos, elogios, oferecer-se gentil esperando ser querido sem fraudes, ser hospedeiro de acolhidas.



PROVAS

Poucas provas restaram, se parecem as sombras diurnas, invisíveis, falam comigo, confessam que não conseguem descansar, vivem de teimosias alimentadas por saudades esperando alguma ocasião que as receba e ampare, ávidas de atualização. Pregam asneiras íntimas, misturas que cumprem semear a espécie e ensinam a chamar o amor pelo seu nome.

FAMINTO

Acolho um desejo recém-nascido, bebo da vertigem o suco e toco o susto que transforma e penetra meu corpo reivindicando acalmar o prazer faminto.



REFUGO

Refugo a mão que não consola, que carrega um labirinto de procuras em vão, mão que brinca de desgovernar, que nega lugar ao afortunado encontro, mão que atravessa caminhos aprisionada por inutilidades dominada.

DESDE QUE

Desde que amanhece busco alguma ideia que faça valer o meu dia. As expectativas principais sempre pousam em pessoas, gente que circula, criando memórias mantendo a tradição de seguir viva honrando a espécie a qual pertence. Quando quero minha humanidade devolvida, encontro-a nas ruas.



A NOITE CONDUZ

A noite conduz as respostas, carrega os medos, os pedidos, as chaves, propostas ousadas, inclinações piedosas, concessões onerosas, acidentes fatais, palavras sem memória, oportunistas de ocasião.

POSTA À PROVA

Posta à prova minha tristeza procurou novo refúgio em plantas, pessoas, nas mãos um salvo-conduto dá mal exemplo, almeja ser o peregrino da liberdade.



FUI BUSCAR

Fui buscar uma lua para aumentar a margem e diminuir o perigo de te encontrar, acrescentando um encanto mais velarias minha realidade, preferi cortar os alimentos, se acabam minhas provisões armazenadas, obtidos esses resultados, ministro o suficiente para o consumo cotidiano.

TODA A MINHA ALEGRIA

Toda a minha alegria manda lembranças, revisando o odiado processo que tornou a vida mais cara e mais aproveitada do que antes, ficou como uma prova material da minha partida, razão suficientemente forte para ordenar substituição. Dois enganos desembarcados, descontrolados, cortando a união, dolorosamente interrompida.



SOBREVIDA NÃO ROUBADA

Quem me olhasse naquela ocasião ficaria assustado com a agonia, parceira da hora da partida, de frente para o adeus, escondendo a cicatriz, enfrentei sem coragem para fugir. Atacado de improviso por um precipício, sem escolta, obriguei-me a desviar do teu caminho para extrair alguma sobrevida ainda não roubada.

HORA DO DESCANSO

Bem no meio de um arranjo confortável, soou a hora do descanso. Esperava uma benção para acabarem meus dias com reservas, integrado às quietudes. Haviam-me proposto e eu havia aceitado, como se levasse comigo e fosse possível dominar a própria potência. Fui finalmente vencido, as manobras sucessivas foram realizadas, não sem dificuldades. Sigo exposto aos perigos do mundo, como escravizado ocasionalmente entrego-me aos vestígios da beleza.



CONSERVAÇÃO

Quanto, à conservação da pele, do orgulho e do principal, evito os tóxicos incluídos, reduzidos a pó que são utilizados de diversas maneiras no pão nosso de cada dia. Todos esses produtos deveriam figurar somente na mesa dos seus fabricantes. À vista disto, deveria proceder-se de maneira regular, todos os dias se possível fosse.

ALIMENTO PRINCIPAL

O que ministra meu alimento principal perdeu o fio condutor. Me interno em razões discutíveis, imagino-me ali encontrar todas as regras que me fazem falta para ver e entender a falta de justiça a serviço dos negros, indígenas, e outros excluídos.



ESSAS PALAVRAS

Em meio às palavras, como se tivesse pena de deixá-las sair da minha boca, perdê-las, desencontrar-me do que elas de mim transportam. Ondas simples ondas que me levam e me trazem os lobos e as calmarias, as culpas minhas e alheias, a guerra e o esquecimento, a paz tentando fazer-se merecida.

BENS DURÁVEIS

Com a vanguarda ordenando-se durável, meus sentimentos se fazem uma formação contínua, deixam a impressão de que não existe a distância e que tudo o que encerra a vida guarda o passado fresco, reafirma no presente e retarda o futuro para não se perder na pressa do amanhã. Decreto greve nos relógios e seguro os ponteiros para que se congelem os olhos que olham fundo e suavemente para o melhor. Procuo um olhar alegre, lançador de alegrias, busco algum olho próprio e adequado para repousar e aterrizar suavemente, criativo, forte, desafiador e definitivamente amoroso. Busco suavidades que socializem e comuniquem em mim uma rede de confianças e afirmações, sejam um golpe contra a traição que aprofunde as confianças, que definitivas confirmem que é possível confiar. Quero autorização para confirmar que a ética e o desejo não estão à venda.

Busco a suavidade expressada no gesto que encante e diferencie a oportuna suavidade, que caiba no olhar seguinte, que corrobore a intenção de permanência.

Busco a delicadeza com que o amor expressa a bondade coletivizada. A suavidade da amada que traz a arte e

se dedica com atenção a exaltar a harmonia, o recato e o decoro.

Meu sonho maior é o de poder estar na vida participando desses atos demonstrativos do amor, dessas habilidades não misteriosas, onde a decifração se manifeste permanente, onde o rosto olhe olhares altruístas, confirme o espaço da pertinência como contraponto ao promíscuo olhar que invade e fere. No sucessivo, ser privado o olhar que guarda, como si por detrás de véu estivesse dissimulando sem vestes a pureza que só descobre a suavidade da expressão que faz acontecer a adoração e a admiração.

Busco habilidades, uma mulher seletiva, geradora de uma moral que repare, que expresse a beleza do gesto que dignifica o amor e guarda alegre seu existir voltado para a intimidade, gesto nobre que desnuda para um único olhar, do orgulho que mantém o privado e dá sentido à inspiração. Aguda e penetrante, essa forma de estar fazendo-se única para o eleito, àquele que recebeu a graça e a virgindade guardadas.

A VERDADEIRA MEMORIA

Apesar de tanta melancolia se alongar além de mim, cresce meu interesse em encontrar o lugar das ausências, do prazer de sorrir, do futuro incerto, do mistério ao sul da cintura, do apreço sem preço. Em que lugar se esconde a verdadeira memória que entrou afetiva por todos os meus sentidos?



AS DEMORAS

As demoras causadas pelas sinuosidades da vida são obstáculos à rápida circulação das minhas urgências adiadas e escondidas. As demoras não dizem nada à imaginação. Esta corrente de atrasos que me rodeia, no meio das quais dificilmente posso abrir caminho, são caprichos habituados às desculpas, não podem andar no meu passo entusiasmado e confortável, no modo alcançado de usar o tempo.

SE POSSIVEL FOSSE

Acreditei que bastasse confessar tudo para que ela adivinhasse ser eu o autor da delicada atenção. Que o pouco oferecido devia administrar o suficiente para o consumo cotidiano, declarações secundárias enviadas em quantidades consideráveis, figurando como alimentos, e não era tudo. Beijos apreciados, beijos que esvaziam a vontade de beijar, procedendo de maneira regular tanto ao gozo como ao brincar; todos os dias, se possível fosse.



Roberto Curi Hallal

